

## Aurorinha Virtual: desafios e resultados do ensino remoto emergencial no projeto interdisciplinar Comunicação

*Ibrantina Guedes de Carvalho Lopes*  
*Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical*  
*ibrantinalopes@gmail.com*

*Melina Cordeiro Gama Lira*  
*Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical*  
*melinagama@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho consiste em um relato de experiência vivenciado na Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical e discorre sobre o ensino remoto emergencial. O objetivo geral foi assim delineado: contar de que forma enfrentamos os desafios de continuidade das nossas práticas pedagógicas em virtude do contexto da pandemia da Covid-19. Os pontos metodológicos preponderantes foram o acompanhamento pedagógico mediado por tecnologia digital, em atividades síncronas e assíncronas que culminaram com a produção de um vídeo, além da formação em serviço dos docentes envolvidos. Os principais resultados alcançados foram o enfrentamento pelos docentes e discentes em trabalho colaborativo, e aprendizagens construídas relacionadas ao uso de tecnologias digitais na educação musical.

**Palavras-chave:** educação musical, ensino remoto emergencial, tecnologia digital.

### Contextualização

O curso de educação musical funciona dentro da estrutura de uma escola de educação profissional para atender estudantes que se encontram matriculados nos sextos e sétimos anos do ensino fundamental. Na prática, consiste em um processo de musicalização, pois compreende o primeiro momento de aprendizagem sistemática de música na escola. O curso oportuniza experiências de expressão corporal, apreciação musical, flauta doce e canto coral. A aprendizagem musical se dá em todas essas aulas, mas a leitura convencional de partitura acontece nas aulas de flauta doce. Como é um curso de livre demanda, é possível se fazer experiências pedagógicas mais flexíveis. Dessa forma, optou-se por um trabalho que prioriza a vivência de projetos interdisciplinares. No planejamento anual os docentes escolhem um tema e trabalham esse tema em todos os componentes curriculares. A culminância do projeto se dá em um evento denominado Festival Aurorinha. É nesse

momento que os estudantes têm a oportunidade de viverem experiências de palco. As três primeiras edições do evento ocorreram no palco do Teatro de Santa Isabel, um dos principais teatros da cidade de Recife.

No entanto, em 2020, assim que o ano letivo iniciou, fomos surpreendidos com a chegada da pandemia da Covid-19, provocada por um vírus SARS-Cov 2 que circulava de forma rápida e poderia levar ao óbito. Ainda sem vacina e sem muitas pesquisas, esse evento de saúde pública impactou a vida social numa forma mais ampla e a escola não ficou de fora. As escolas foram fechadas. Sem a possibilidade do trabalho presencial e ainda sem as instruções normativas de como deveríamos nos conduzir naquele momento, continuamos a comunicação com os pais e com os estudantes em um grupo de WhatsApp, já existente. Julgamos que esse período passaria rápido, então, decidimos que continuaríamos enviando material e um desafio a cada semana, contemplando, em forma de rodízio, todos os componentes curriculares do curso. Os desafios eram respondidos em forma de pesquisa, áudios, vídeos e tudo ia sendo postado no grupo do WhatsApp. Já nesse primeiro momento, percebemos que nem todos os estudantes tinham acesso à Internet banda larga e havia a precariedade dos equipamentos. Às vezes, a família dispunha de um único aparelho celular e o estudante precisava esperar a vez para realizar as suas tarefas. Já percebemos evasão aí. De início pensamos em um desafio semanal, mas alguns desafios demandavam outras *expertises*, daí fomos deixando um tempo maior para que fossem realizados. No entanto, o tempo foi passando.

Os dias eram sombrios. Todos nós sentíamos o impacto psicológico do momento, mas tínhamos uma certeza de que precisaríamos pensar estratégias para superar os desafios e garantir a aprendizagem. Assim chegamos ao objetivo geral deste trabalho que é contar de que forma enfrentamos os desafios de continuidade das nossas práticas pedagógicas, em virtude do contexto da pandemia da Covid-19. O percurso metodológico consistiu no planejamento coletivo do projeto, acompanhamento pedagógico mediado por tecnologia digital, gravação de áudios, tomadas de imagens, produção do vídeo, lançamento do vídeo e avaliação do projeto. No processo, os docentes envolvidos, precisaram investir em aprendizagens de outros saberes e isto foi alcançado através de esforço e de formação em serviço, além do fortalecimento do trabalho coletivo e colaborativo na equipe.

O presente trabalho está assim estruturado: uma breve contextualização das condições nas quais aconteceram a experiência, apresentação de fundamentação teórica com pesquisadores que dialogam com a sociologia, tecnologia e educação musical, destacando aqueles que se debruçaram sobre o tema do ensino remoto emergencial no contexto da pandemia. Em seguida, apresentaremos o relato da experiência propriamente dito e por fim, destacaremos algumas considerações que visualizamos como resultados alcançados nesta experiência docente.

### Fundamentação Teórica

O nosso projeto de educação musical tem como construto teórico as ideias disseminadas pelas pedagogias ativas de educação musical, trazendo relevo ao protagonismo do estudante e às vivências interdisciplinares que culminam com a construção criativa e a vivência de palco de um projeto artístico-pedagógico. Isso sem falar numa visão mais ampla de educação que se ancora na autonomia, na formação humana à luz de Freire (2007) e Brito (2011).

Neste relato, focaremos na temática das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). É notório que as TDIC são presença em nossa sociedade. Elas tomaram conta das nossas vidas, de forma mais efetiva, através das interações nas mídias sociais, uso de aplicativos, da construção da imersão do conceito da cibercultura há mais ou menos duas décadas. O pesquisador Manuel Castells (1999) no livro *A Sociedade em Rede*, publicado há mais de vinte anos, nos antecipa uma leitura que visualiza as mudanças de interação na sociedade contemporânea mediada por informação e tecnologia digital. O autor discute como essa realidade coloca diante de nós possibilidades, instaurando outras lógicas de comunicação, de produção econômica, de trabalho, de produção e disseminação do pensamento científico, dentre outros. O olhar vaticinador do autor nos antevê alguns impactos e transformações que vêm ocorrendo em nosso mundo de forma veloz, sendo esta a principal diferença das revoluções industriais anteriores ocorridas na sociedade. Apesar disso, a aldeia global é excludente, já que nem todos têm acesso às mesmas oportunidades e bens de produção e às tecnologias digitais, na mesma velocidade.

Na Era da Internet, não se pode negar a presença de recursos e equipamentos que mudaram a vida das pessoas de forma significativa. No entanto, na mesma medida que são percebidas as facilidades do tempo presente, impostas pelas tecnologias digitais, percebe-se que parte da sociedade ainda se encontra na condição de excluído digital, conforme BARROS; BELTRAME (2022) e a exclusão pode ser advinda das condições socioeconômicas, conforme GOHN (2020). Dois outros pontos dignos de reflexão são a pouca presença das mídias nos processos de aprendizagem de música e a ausência significativa do tema nos processos de formação inicial dos professores de música (BARROS, ALMEIDA, 2019).

CERNEV em 2016 já lançava um olhar para as práticas pedagógicas tendo como foco as demandas advindas da cibercultura:

O ensino de música atual demanda um olhar cuidadoso do professor para a cibercultura a fim de compreender as demandas trazidas por alunos que interagem constantemente com as tecnologias digitais e, como consequência, os professores de música são desafiados constantemente para se manter atualizados e desenvolver atividades inovadoras e criativas aplicadas às suas práticas educativas. Desta forma, entender as diferentes estratégias que os alunos usam para aprender música utilizando as tecnologias digitais são importantes para criar um ambiente escolar que desperte nos alunos uma postura crítica e construtiva em sala de aula (CERNEV, 2016, p. 5).

A reflexão, no entanto, apresentava-se ambígua, pois professores e estudantes já imersos no universo da cibercultura em muitas ações cotidianas não faziam essa transposição para sala de aula. Visualizando esse cenário, observamos o quanto foi desafiador para o docente dar conta de suas práticas pedagógicas no contexto da pandemia. Da noite para o dia, os professores acordaram com esse fato novo, sem formação inicial, conforme BARROS e ALMEIDA (2019) e sem tempo hábil para planejamento, preparo e organização dos materiais didáticos, conforme GOHN (2020). A solução foi a formação em serviço como enfrentamento e a criação de uma rede colaborativa de aprendizagem que se instaurou entre os pares, nas redes de ensino e associações, a exemplo da ABEM que iniciou uma série de *lives* de discussão e outras ações, conforme BARROS (2020):

No Brasil, a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) foi pioneira na iniciativa, disponibilizando, em seu sítio na internet, um repositório coletivo com diversificadas propostas pedagógico-musicais para o ensino



remoto emergencial de música. Além dessa ação, a ABEM realizou o "Fórum de Temas Emergentes da Educação Musical Brasileira", o primeiro em seu canal no YouTube. O fórum consistiu em uma série de lives com professores e pesquisadores de universidades, institutos, escolas de ensino básico e de ensino específico de música, com o intuito de problematizar questões relacionadas ao ensino remoto emergencial de música. De maneira semelhante, o Fórum Latino-americano de Educação Musical - Seção Brasil (FLADEM Brasil) organizou diversas lives em seu perfil no Facebook, que foram denominadas como "Ação FLADEM Brasil On-line". Nelas, palestrantes convidados ou selecionados por edital específico discutiram temas de relevância para o momento, bem como compartilharam práticas pedagógico-musicais direcionadas aos variados públicos e espaços de educação musical. Além disso, o FLADEM Brasil está preparando a publicação de mais uma edição de sua revista, bem como o planejamento de um curso remoto. (BARROS,2020, p. 9).

A questão, naquele momento, era tornar os professores cientes de que, embora houvesse algumas semelhanças, com a modalidade de Ensino a Distância (EaD), o que estava surgindo era algo distinto. BARROS; BELTRAME (2022) denominaram de ensino remoto emergencial mediado e adotaremos essa terminologia neste trabalho, compreendendo que o que estava sendo proposto eram estratégias de superação para que as situações de ensino tivessem continuidade, conforme GOHN (2020):

A excepcionalidade da pandemia criou uma situação emergencial, demandando respostas imediatas em alguns casos, e muitas vezes planejamentos de ações sem contar com muitos recursos. Novos paradigmas despontaram, com a reformulação de experiências anteriores na EaD, inseridas na conjuntura gerada pelo Covid-19. (GOHN, 2020, p. 168).

Na rede estadual de ensino, a qual a escola encontra-se filiada, houve um esforço e através de um portal de ensino e ambiente AVA foram disponibilizados diversos minicursos a fim de que os docentes fizessem formações em serviço, buscando superações. Foi assim no aprendizado de gravações de áudio e vídeo, conhecimento das possibilidades de *streaming*, planejamento e organização de *lives*, trabalho docente no ambiente virtual.

## Relato da Experiência

Em setembro de 2020, o governo estadual disponibilizou a Plataforma Google Suíte para docentes e discentes, o que possibilitou o início das aulas *on-line* através dos diversos aplicativos oferecidos, sendo os mais utilizados os de vídeo conferência e sala de aula virtual. As aulas duravam cinquenta minutos e foram distribuídas em dois dias entre as quatro disciplinas: Canto Coral, Expressão Corporal, Apreciação Musical e Flauta Doce, sendo dois componentes curriculares em cada dia. As atividades eram síncronas e assíncronas, pelas dificuldades dos estudantes em relação a equipamentos e internet disponíveis.

Nos anos anteriores, a culminância dos trabalhos se dava no Festival Aurorinha com uma programação musical para eles e com eles com duração de dois a três dias. Tínhamos workshops e apresentações musicais para os estudantes do curso e de escolas públicas convidadas, como também o dia dos nossos estudantes performarem o que foi trabalhado durante o ano.

Nas três primeiras edições da Aurorinha, os estudantes tiveram a experiência de se apresentar no palco de um grande teatro da cidade. Contudo, naquele momento de pandemia, diante da ausência de encontros e apresentações presenciais, mas cientes da necessidade dos estudantes de experienciar um trabalho feito por eles, a equipe decidiu inicialmente gravar em vídeo uma música por cada estudante em sua casa e editar o material para apresentação virtual de vídeo em mosaico. Esta experiência é conhecida como “os collabs, que são vídeos colaborativos realizados em parcerias nas quais cada um grava a sua parte e a edição em vídeo e em áudio é realizada posteriormente.” (BARROS; BELTRAME, 2022, p. 7).

Para a gravação, tivemos a orientação por videoconferência de um professor da escola que tinha experiência em gravação e edição de vídeos e áudio. A partir daí, a cada aula, os estudantes foram orientados a se gravarem cantando e a enviarem os vídeos. Porém, a finalização do vídeo não foi concluída em 2020 porque tivemos que refazer algumas vezes as partes individuais por problemas de má iluminação, ruídos externos, imagem não estabilizada. Estávamos todos aprendendo como fazer e a grande maioria não tinha equipamentos (celulares, microfones, câmeras, suportes) adequados para esse tipo de trabalho.

Retomamos as aulas em 2021 ainda num contexto complicado da pandemia, no início da vacinação e manutenção das aulas virtuais. Fizemos uma reunião com a equipe docente do curso e decidimos fazer um vídeo com gravação de áudio no estúdio da escola e as imagens nas dependências dela. Convidamos outros seis professores para colaborarem com as demandas de estúdio, gravação e edição de áudio e vídeo. Foi feito um cronograma das atividades mês a mês e dividido em etapas de pré-produção, produção e pós-produção. Ao longo dos meses do primeiro semestre de 2021, fizemos reuniões de acompanhamento e avaliação das etapas, com a participação e ideias de todos os professores envolvidos.

O repertório tinha sido proposto no começo de 2020, ainda pensando em um evento presencial, contudo sofreu uma diminuição para seis músicas pelo tempo de produção em estúdio, dado as circunstâncias de pandemia. As músicas escolhidas foram compostas por professores e estudantes do Curso Técnico da escola. Essa escolha tinha o objetivo de valorizar a produção dos compositores da própria instituição, aproximando os estudantes deles, em momentos de conversa sobre os processos de composição e conhecimento da trajetória musical de cada um.

Um outro aspecto a considerar, é que foi dada a liberdade de cada estudante escolher como queria contribuir: se seria cantando, atuando, dançando. Alguns não quiseram aparecer no vídeo e só gravaram suas vozes, outros só atuaram/dançaram e tiveram também os que quiseram participar de tudo. Escolheram também as músicas que iriam participar depois de terem vivenciado as aulas-ensaio de todas as músicas e coreografias. Foi um momento importante porque deu a abertura da escolha pela identificação com o repertório e a segurança no aprendizado.

As aulas-ensaio seguiram virtuais até o início do mês de junho quando começaram as gravações das vozes e das imagens. Foram feitas reuniões prévias com os pais e distribuídos formulários para autorização de imagem dos estudantes. As gravações de áudio seguiram pelo mês de junho no estúdio da escola, bem como as tomadas de vídeo pelas dependências dela, com uma escala de dias e horários individuais para não ter aglomeração e ter tempo de limpeza e desinfecção dos equipamentos utilizados no estúdio e na escola.

Numa das reuniões sobre roteiro do vídeo, foi sugerido um layout que lembrasse um jogo, porque o público do curso é formado por adolescentes e a cultura gamer está bem



presente nessa faixa etária. A ideia foi aprovada pela equipe e levada às aulas para que os estudantes opinassem e acrescentassem outras ideias. Todos gostaram e ficaram curiosos com a junção do repertório com o roteiro, além disso foi dada a sugestão por um dos estudantes de não ter a ideia de competição entre uma música e outra, o que foi respeitado.

Então o roteiro ficou como um jogo, onde os estágios foram pontos da cidade, que são conhecidos por sua representatividade cultural e ligação com o gênero musical ou a letra da música a ser apresentada: A comunidade do Pina, na beira da praia e às margens do rio Capibaribe, representou a Ciranda; os bairros de São José e o Recife Antigo, de onde saem desfiles de blocos carnavalescos, representaram os Frevos de Bloco; o pátio da Igreja de São Pedro, conhecido pelas festividades juninas, representou o Xote; o bairro da Boa Vista, área central que abriga diversas tribos foi o quinto estágio, representou o Pop e para finalizar a própria instituição, por ser formadora de músicos, representou a música “Ô mãe, eu sou artista”.

Tivemos um momento informal com alguns dos compositores e compositoras, nas gravações e acrescentamos no vídeo, antes das músicas um pequeno depoimento deles sobre o processo de suas criações, para que todos os espectadores também tivessem as informações e curiosidades sobre as músicas. Depois seguia a apresentação dos “jogadores” que participaram da música, representados por seus avatares e o vídeo da música. Nos créditos da ficha técnica, cada professor colaborador também foi representado por um avatar.

Finalizadas as gravações em junho, tivemos um breve recesso em julho e a edição seguiu até agosto. Um árduo trabalho que envolveu equipe de áudio, vídeo, produção de arte e divulgação. O vídeo teve estreia em 21 de setembro de 2021, no Canal da ETE Criatividade Musical Oficial no YouTube.

### Considerações Finais

Este relato de experiência docente teve como objetivo contar de que forma enfrentamos os desafios de continuidade de nossas práticas pedagógicas, em virtude do contexto da pandemia. Lançando um olhar reflexivo para o vivido, destacamos algumas



constatações e aprendizagens. De início, é bom ressaltar que não foi um momento fácil. Tivemos experiências fracassadas, evasão, constatação das desigualdades sociais que impossibilitaram alguns dos estudantes de continuarem estudando música, isto porque esse curso se apresenta como algo opcional, já que ainda não se encontra no bojo das propostas de políticas públicas do estado enquanto oportunidade equânime e contínua que garanta educação musical para todos durante a escolarização básica.

Dito isto, destacamos que a concepção de garantir a aprendizagem dos estudantes, matriculados no curso, assumida pela equipe docente foi um ponto positivo e unificador na postura dos docentes envolvidos e isto foi percebido claramente na cooperação e trocas de saberes que se instaurou entre eles. A aprendizagem de tecnologias digitais aconteceu quase *à fórceps*, pois alguns professores assumiram mesmo que eram analfabetos digitais. Ademais, apropriar-se do aparato tecnológico demandou mais esforço e estudo. O apoio dos pares foi fundamental e podemos dizer que nos fortalecemos no trabalho coletivo e colaborativo.

Chegar ao resultado, com o vídeo editado resultou em experiências até inéditas para alguns, pois muitos dos nossos estudantes adentraram a um estúdio de gravação pela primeira vez. Isto não foi diferente para alguns professores que precisavam orientar a gravação e se encontravam na mesma condição de estreantes.

Enfim, reconhecemos que visualizamos a experiência vivenciada, por nós, como positiva e bem-sucedida, mas fica o desafio de continuarmos aprendendo, refletindo e até mesmo pesquisando sobre o diálogo entre as tecnologias digitais de informação e comunicação e educação musical, na perspectiva de diminuir o hiato entre a presença das TDIC na vida cotidiana e na sala de aula.



## Referências

BARROS, M. H. D. F. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino de música em meio à Covid-19. *ouvirOUver, [S. l.]*, v. 16, n. 1, p. 292–304, 2020. DOI: 10.14393/OUV-v16n1a2020-55878. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55878>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca; BELTRAME, Juciane Araldi. Educação musical, tecnologias e pandemia: o que aprendemos e para onde vamos? *Revista da Abem*, v. 30, n. 1, e30105, 2022.

BARROS, M. H. D. F.; ALMEIDA, C. M. G. Saberes Docentes relacionados às Tecnologias na formação de professores de Música. *ouvirOUver, [S. l.]*, v. 15, n. 1, p. 30–43, 2019. DOI: 10.14393/OUV24-v15n1a2019-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/46999>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BRITO, Teca Alencar de. *Kollereutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. 2 ed. São Paulo: Petrópolis, 2011.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1*. 6.ed. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERNEV, Francine Kemmer. Educação musical na era digital: experiências coletivas e os desafios para o uso das tecnologias digitais nas aulas de música. *Música em Contexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília*. Brasília, nº 1, Ano X, p. 9-26, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Edição 35. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GOHN, Daniel Marcondes. *Aulas On-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia*. *Revista Tulha, Ribeirão Preto*, v. 6, n. 2, pp. 152-171, jul.– dez. 2020.

